

I

José Marinho: um filósofo integral, um filósofo do “espírito” e da “terra”

Quando, em 1996, nos inscrevemos no Curso de Mestrado de Filosofia em Portugal na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, tivemos que responder às perguntas de um júri presidido pelo Professor Joaquim Cerqueira Gonçalves. Ele próprio, tendo eu antecipado o meu propósito de estudar o pensamento de José Marinho, perguntou-me como é que eu caracterizava José Marinho enquanto filósofo. A resposta foi súbita mas ainda hoje a mantenho: “como um filósofo integral”.

Lembro-me do Professor Joaquim Cerqueira Gonçalves me ter replicado, naquele seu tão peculiar tom provocatório, que “integral era uma palavra perigosa”. A essa réplica, ou provocação, respondi que José Marinho era “um filósofo integral mas não um filósofo integralista”. Eis a resposta que procuraremos aqui concretizar. Sobreretudo porque, tendo nós dedicado grande parte destes anos ao estudo do pensamento de José Marinho, é essa ainda, cada vez mais, a resposta que daríamos se tivéssemos que responder à mesma pergunta que nos foi então colocada: José Marinho foi, sobretudo, um “filósofo integral”.

Para tal, procuraremos aqui fazer uma breve retrospectiva das principais obras, publicadas ainda em vida ou já postumamente, de José Marinho. Como veremos ao longo dessa retrospectiva, cumpriu-se o pensamento marinhiano à luz de dois pólos em geral tidos



como antitéticos: o do “espírito” e o da “terra”. À luz do primeiro, desenvolveu um pensamento aparentemente “insituado no espaço e no tempo” que teve na *Teoria do Ser e da Verdade* a sua expressão máxima, ainda que não última. À luz do segundo, desenvolveu o conceito de “filosofia situada”.

Expressão máxima, e última, desse outro desenvolvimento foi a sua obra, publicada já postumamente, *Verdade, Condição e Destino no pensamento português contemporâneo*, obra em que, como veremos, José Marinho definitivamente assumiu não apenas a “responsabilidade do espírito”, ou da “união cumulativa” – conforme se pode ler na *Teoria*, a “responsabilidade crucial, a mais séria, a mais grave, responsabilidade decisiva no humano existir, de ligar o que se separou, de mais profundamente unir o que se cindiu, de tornar e fazer tornar o ser na cisão ao uno de todo o unívoco, à verdade no espírito e segundo o espírito”¹³ –, como, cumulativamente ainda, “a responsabilidade séria e grave de filosofar na própria terra”¹⁴. É, aliás, por ter feito essa dupla assunção, que Marinho foi, para nós, um “filósofo integral”.

Os Aforismos sobre o que mais importa enquanto gênese filosófica de José Marinho

Redigidos inicialmente entre 1924 e 1932, assinalam os *Aforismos sobre o que mais importa* a gênese filosófica de José Marinho. Apesar de estruturados de forma triádica e dialéctica – nas palavras do próprio Marinho, a estrutura corresponde a três fases: “supondo, na primeira, a harmonia turva e implícita, na segunda a contradição e a explícita, e na terceira a harmonia plena reconquistada”¹⁵ –, a visão filosófica que ao longo deles emerge é, contudo, bem menos acabada, bem mais aberta, do que pretendeu o autor ao ter adoptado essa estrutura.

¹³ Cf. *Teoria*, p. 137.

¹⁴ Cf. *Estudos*, p. 116.

¹⁵ Cf. *Aforismos*, p. 360.

